



Episódio 304 de Open Question Podcast: Onde está “o mundo”?

O que você vê quando pensa sobre “o mundo”?

Você pode imaginar uma floresta tropical ou um deserto. Você pode imaginar pessoas desbravando uma estação de metrô lotada a caminho do trabalho. Você pode imaginar uma casa ou uma zona de guerra. Você pode pensar consigo mesmo: “o mundo está uma bagunça”, ou sentir-se tocado pela beleza deste lugar e dos seres que o habitam.

“O mundo” é mesmo localizável? É consciente ou material?

Existe dentro de nossos contínuos mentais individuais ou fora de nós?

“O mundo” é cruel, mundano ou sagrado?

É singular ou plural?

Onde exatamente está “o mundo”?

.....

Boas vindas às Perguntas Abertas: um chamado para o brilho interior

Eu sou Elizabeth Mattis Namgyel

Este é o episódio 304: *O Mundo Sagrado: Onde está “o” Mundo?*

.....

Em 1972, os astronautas da Apollo 17 capturaram uma imagem de uma Terra totalmente iluminada, tirada do espaço - a cerca de 30.000 km da superfície do nosso planeta.

Esta fotografia, que passamos a chamar carinhosamente de “Bola de Gude Azul”,

tornou-se a fotografia mais reproduzida da história —

a referência visual primária do “mundo” ... bem, no mundo!

A divulgação da imagem da “bola de gude azul” nos revelou que o solo em que estamos e a atmosfera que nos protege das forças poderosas do universo exterior são mais frágeis do que jamais imaginávamos. Foi como se, por meio do dom da perspectiva, nos apaixonássemos por nossa casa de uma nova maneira.

Esta foto, que apresenta a Terra com o Mar Mediterrâneo no centro, até a calota polar sul, não mostra a totalidade da superfície da Terra. É apenas uma faceta, a partir de uma determinada distância, em um ângulo específico, em um momento no tempo.

Geralmente não experimentamos nossa vida na Terra à distância.

Vivenciamos bem de perto e de maneira pessoal. Estamos na terra, no mundo, pertencemos à ela...

caçando conchas na areia da praia; plantando sementes na terra;

ou enterrando alguém que morreu. Corremos para chegar ao trabalho a tempo; lutamos guerras; aprendemos a sobreviver.

É como se o mundo se apresentasse a nós de novo e de novo - a cada momento – e de maneira cada vez mais íntima.

Quando nos levantamos e ficamos de pé, distâncias se abrem entre nós e os lugares onde a terra encontra o céu. À medida que percorremos o terreno notamos que a superfície da Terra não é uniforme, permanente ou singular. Em qual direção devemos seguir? O que encontraremos pelo caminho? Será que algum dia encontraremos “o” mundo?

...

Quando eu era uma estudante, fiquei hospedada em uma vila no sul do Nepal.

Lá fiz amizade com uma jovem da minha idade, chamada Rupa Didi.

Ficamos muito interessadas uma pela outra. À medida que nos deliciávamos em identificar nossas semelhanças humanas, também aprendemos a ver o mundo pelos olhos uma da outra.

Rupa Didi me perguntou: “De qual vila você veio? Como você chegou aqui?” Para ajudar a ilustrar, tirei uma pequena tangerina da minha bolsa. Usei a tangerina para mostrar a ela que minha “aldeia” ficava do outro lado do mundo da vila dela. Rupa Didi não entendeu. Ela não compartilhava da minha imagem de um mundo redondo.

No entanto, ela sabia como cultivar sua própria comida e cuidar de sua família. Fiquei maravilhada com sua simplicidade. Ela tinha as informações vitais de que precisava para navegar em seu mundo de maneira saudável, gentil e prática.

Ao longo da história, olhamos para a ciência para entender “o mundo”. Começamos com um mundo plano, depois passamos para um mundo redondo em um universo com bordas, para um universo em expansão; para um multiverso, que contém infinitos multiversos... Tudo em um tempo incrivelmente curto. No entanto, todas essas informações que temos sobre “o mundo” foram coletadas em um milissegundo cosmológico.

Muitas vezes me pergunto sobre o cosmos dos antigos?” Como eles viam “o mundo”?

“Será que nossos ancestrais tinham uma perspectiva mais sutil? Uma que não conseguimos mais enxergar... devido às nossas distrações aceleradas?” É importante tomar um tempo para considerar essas coisas. É também muito mais divertido e saudável do que colocar nossas mentes em nossos celulares, mergulhando em mundos programados e criados por empresas de software.

...

Onde está “o mundo”?

Vamos apenas imaginar que houvesse um lugar geográfico externo e singular que pudéssemos chamar de “mundo”. Quem verificaria a veracidade disso? Ainda acabaríamos vendo a vida através de nossas lentes individuais: as lentes de um filósofo, um agricultor, um geólogo ou um proprietário de terras.

Podemos imaginar como outra espécie enxerga as coisas: como é “o mundo” para uma aranha tecendo sua teia? Um urso hibernando ou uma gaivota voando sobre o oceano? imagine a existência de reinos inobserváveis ilimitados que nunca veremos.

Nossos corpos físicos nos ancoram neste planeta e, no entanto, cada um de nós experimenta uma ampla gama de estados mentais, que influenciam a maneira como vemos “o mundo” - As noções extremas de céu e inferno, ou nirvana e samsara não são totalmente divorciadas de nossa experiência ordinária.

Às vezes encontramos alguém na rua que parece estar vivendo um mundo cheio de perigos. Passamos por eles, mas eles não nos veem. Eles parecem estar enfrentando um inimigo. Podemos nos perguntar se essa pessoa tem um desequilíbrio ou talvez seja um profeta. Nós não

sabemos. Podemos ver essa pessoa enfrentando dificuldades, mas não podemos ver as causas e condições de sua dor. Desta forma, um reino pode ser um ambiente psicológico ou o cenário de um sonho.

O que chamamos de “mundo” é influenciado por nossos pensamentos e emoções - condições de ser. Nosso mundo parece muito diferente quando somos consumidos pela raiva, do que quando nos sentimos tocados pela tristeza.

Muitas vezes assumimos que as pessoas veem “o mundo” como nós.

Mas com tanta criatividade e conflito no mundo, devemos concluir que ninguém vê as coisas exatamente da mesma maneira. Ocupamos reinos únicos, ambientes privados, moldados pelas histórias pessoais que temos sobre “o mundo”.

Dado que este é o caso, não é curioso que possamos nos comunicar?!? Não é surpreendente que possamos participar da vida juntos com tanta ordem e coesão? E não é milagroso que, mesmo interespecies, compartilhemos valores comuns sobre experiências essenciais como solidão e amor, fome e generosidade, medo e conforto? A sobreposição de nossas realidades indica que compartilhamos uma experiência comum além da consciência subjetiva,

A mente e seu mundo não são a mesma coisa, nem são separados, eles não são um e nem são dois. Seria impossível localizar onde nossa mente termina e nosso mundo começa. Então, como seria possível estabelecer um mundo puramente subjetivo ou objetivo? O que consideramos sujeito e objeto surgem na dependência, unindo nossos campos de experiência internos e externos.

Então, para onde tudo isso nos leva em nossa jornada para entender “o mundo”?

.....

Eu me pergunto se, por meio de nossa análise, você foi capaz de encontrar “o mundo”.

Quanto a mim, passei muito tempo procurando e nunca encontrei.

A análise me mostrou o quão sutil e inapreensível o mundo realmente é. A única conclusão a que cheguei é que a vida desafia a definição.

Quando procuro um objeto geográfico definitivo, posso apontar e exclamar: “Olha, lá está 'o mundo!’” Não encontro nada singular ou inteiro - apenas aspectos, ângulos, partes e perspectivas. E não adianta falar de um mundo preso em uma realidade material fora da minha capacidade de conhecê-lo. Procurei, mas não encontrei, um mundo estático e confiável,

impermeável à interpretação, nome ou definição. E nunca encontrei um mundo exclusivamente cruel, mundano ou mesmo sublime que possua características tão intrínsecas.

O que **posso** dizer é que “o mundo” aparece vividamente à minha consciência e ainda assim não consigo encontrá-lo. É meramente aparente - ilusões, por definição, referem-se a fenômenos que não existem como aparecem - como arco-íris, sonhos e ecos.

Da mesma forma, “o mundo” aparece para nós, e, no entanto, mesmo após a investigação mais modesta, somos forçados a concluir que não podemos encontrá-lo.

Curiosamente, nos sentimos desafiados ao ouvir que as coisas são ilusórias. É como se a base de nossa experiência estivesse sendo roubada de nós. "Como você ousa!"

Mas lembremos que quando fizemos a análise, “o mundo” em si não desmoronou. A única coisa que desmoronou foram nossas suposições não examinadas. Enquanto procurávamos o mundo, não negamos as aparências ou fingimos que nossa experiência era algo que não era.

Na verdade, o processo de investigação nos tirou das ideias abstratas que tínhamos sobre o mundo, para uma relação mais direta e matizada com as coisas.

Dizer que algo é ilusório não tira sua função. Não poder localizar “o mundo” não nos impede de viajar uma vida inteira. E mesmo que não possamos encontrar um “estado do mundo” definitivo, isso não limita nossa capacidade de ouvir as experiências de outras pessoas ou ter as nossas próprias. E isso não significa que não podemos usar um artigo como “o” para nos referirmos a coisas com precisão e especificidade.

Mesmo que não possamos encontrar o mundo, ainda temos que navegar nesse mundo ilusório com muito cuidado e respeito. Claro, se ninguém se importasse com a felicidade e a libertação do sofrimento, então, suponho, isso não importaria.

Mas o fato é: isso importa - muito!

Então pode ser que não encontremos “o mundo”, - mas aí está! - o mundo das aparências e possibilidades não deixará de surgir.

.....

O tema da mera aparência naturalmente desafia nossa noção de real.

Saber o que é real ou verdadeiro é muito importante para todos nós. Ninguém quer ser enganado. Mas o que significa algo ser real? Como podemos definir isso?

Podemos pensar que coisas reais baseados em fatos. Ou podemos assumir que os sentimentos são reais porque nos animam ou nos perturbam. Podemos atribuir realismo a coisas densas ou sólidas ao toque: mas e quanto a fenômenos mais sutis como ar, bolhas ou música? Muitas vezes nos referimos às pessoas como “reais” quando são diretas e honestas, quando elas não têm interesses ocultos. Também atribuímos realidade a qualquer coisa que desempenhe uma função, ou a algo que seja puro - como ouro legítimo.

Oxford English Dictionary define real, em uma edição mais antiga, como:

“designando tudo o que é considerado como tendo uma existência de fato, e não MERAMENTE na APARÊNCIA”.

Também define real como:

Ter uma existência absoluta, em contraste com uma existência meramente contingente.

Hmmm...

Se confiarmos nessas definições de real, então não temos escolha a não ser concluir que o mundo não é intrinsecamente real...

o que significa apenas, novamente, que é ilusório ou meramente aparente.

E até o Oxford English Dictionary parece concordar com isso!

.....

Normalmente, quando fazemos uma investigação, procuramos chegar a uma conclusão, encontrar uma resposta ou estabelecer uma verdade. E, no entanto, aqui, de acordo com a metodologia da Pergunta Aberta ou a tradição do Caminho do Meio, a análise nos levou a procurar e não a encontrar. Ao expor nossas suposições não examinadas, abrimos o caminho para o surgimento do insight.

Podemos pensar na análise aqui como uma consideração terna de nossa realidade, cujo resultado é fortemente sentido. As coisas não precisam ser reais para funcionar, aparecer ou ter significado. Isso desafia nossas suposições não examinadas de que as coisas precisam ser alguma coisa ou nada.

Como o grande praticante e erudito budista tibetano do século XIV, Kunchen Longchenpa, disse:

o mundo das aparências e possibilidades, “não é nada, mas surge como qualquer coisa”.

Acho que esta é uma declaração poderosa para trazer à nossa investigação do mundo. Dê a si mesmo tempo para pensar sobre isso.

Deixe-me dizer mais uma vez:

o mundo das aparências e possibilidades, “não é nada, mas surge como qualquer coisa”.

Por favor, entenda que o que Longchenpa está dizendo, não é como um quebra-cabeça ou uma insinuação de que a vida está destinada a ser mistério e imprecisão.

Esta declaração pretende nos levar a ver as coisas como elas são: como meramente aparentes.

A mera aparência não é um estado mental ou uma visão em que se deve acreditar. Refere-se à visão desobstruída e nua. É a perspectiva da Mãe Prajnaparamita e do Mundo Sagrado.

.....

Por mais sublime que tudo isso possa soar às vezes, a natureza ilusória das coisas está dentro do escopo de nossa capacidade de conhecê-la. Na verdade, a verdade disso é iminente - bem na nossa frente. Como seria ver “o mundo” como algo meramente aparente?

.....

Como nos posicionamos em direção à mera aparência?

O que inspira artistas, poetas e filósofos a comunicar experiências que, em última análise, desafiam a expressão? Que papel desempenha a linguagem simbólica visual na tradição do Prajnaparamita e do Mundo Sagrado?

Em nosso próximo encontro intitulado “A Mera Aparição: Prajnaparamita Ilustrada”, terei a convidada perfeita para responder a essas perguntas: a artista mestre e extraordinária pintora de tangka, Cynthia Moku. Cynthia compartilhará seu amor pelas imagens sagradas, convidando-nos a contemplar algumas imagens impressionantes de Prajnaparamita.

Junte-se a nós ao vivo em: 15 de outubro às 14h, horário da montanha

